

20 SONETOS E MEIO (1969-2000) DE JOSÉ DEVESA

I. DO CADERNO DE CÁCERES

1.- CIDADE NO MEU CORAÇOM

Olhei-te fondamente, minha prenda,
sentim o teu recendo eterno e forte,
pensei no teu passado, pura lenda,
e quixem onda ti aguardar a morte.

Apalpei o teu peito incandescente,
ouvim o teu murmúrio melodioso,
gostei dos teus manjares longamente
e já esquecer nom puidem, saudoso,

o teu sorrir de alvíssima doncela,
o teu olhar p'ra o céu azur-molhado
e o teu ser lenemente namorado

do mar... o teu brilhar de antiga estrela
e o teu corpo, docíssima gazela
que ficou no meu sangue alucinado.

2.- O PROSCRITO

Lembrança que no peito me fai dano
e ao tempo trai consolo à i-alma minha,
murmúrio que os ouvidos me acarinha
qual nota de docíssimo piano.

Bagulha que me chega do lonjano
acesa numha mágica morrinha,
laído dumha pobre coitadinha
que nom lhe *deno* pam os que *passano*.

Escuito, vejo, sinto cada dia
estas cousas na minha vida fria,
sem saber até quando irei penando...

pois som todas iguais as minhas horas
e entrado nunca dou... sempre estou fora
do edém que desde neno vou chorando.

3.- PRANTO POR UMHA AREIA EMIGRANTE

Areia que vinheste desde a C'runha,
farinha de brilhar salgado e forte,
do Orçám vizinha e nada à sua beira
quando o começo antigo das idades...

Augamarinha em pô multiplicada,
sangue da beiramar duro e eterno,
ti lembrás-me horizontes verdiazares
que voltarei a olhar quem sabe quando...

A ti que me fixeste companhia
no meu alonjamento prematuro
-tirados do troquel das vidas nossas...

Quem che ia dizer, espuma sólida,
que susterias flores de artifício
num jarrom deste lar da Estremadura!

4.- A MORTE DO POETA

A criaçom inteira, sem sabé-lo,
rendéu-lhe umha homenagem mudamente:
percorréu a cidade um calafrio,
alguém sentiu nom sei que angústia estranha,

dono do mundo desde o alto ninho
o paxaro calou por um instante,
detivo-se o rapaz no seu brincar
e o mar nom recendéu naquela hora,

perdéu o seu fulgor o valagume,
e o seu sangue o vermelho caravel,
estremecéu-se na erva a seca folha,

esquecéu o regato o seu murmúrio,
a ponla da ár'vre nova ficou murcha
e caí-lhe umha estrela ao firmamento.

5.- A HERDANÇA DO POETA

Ínsua que se perdéu na tarde ruiva
sem saber onde foi baixo da névoa,
velha cantiga que caíu na sombra
do passado, esquecida por quem sabe,

árv're que se arrodeou do verde mesto
c'um bosque que ninguém prantara nunca,
espuma que saíu cara ao lonjano
levada no ronsel dum paquebote,

cor esmorecida pola fouce
do tempo, essa mortinha preguiceira...
Tal passou o poeta polo mundo:

falando, calandinho, do inefável...
Suspiro foi, mas o seu limpo verso
gravou-se no sentir da cada dia.

6.- RONSEL DE MIM

Como és infinda, amor, se te me achegas
fas do meu coração um cervo antigo
e se nom somos dous no leito amigo
tornam-se-che-me as noites pombas cegas.

Mas p'ra ti nom é assi: o teu jardim regas
sem reparar em que eu nom som contigo
e qual se lhe botasses um castigo
a minha sombra c'os teus lábios segas.

Porém vam meus abismos nos teus olhos
e ficam no teu sangue os meus antolhos,
olham-se na tua pel as minhas luas

e as abelhas que sulcam o meu peito
aninham no teu cálice perfeito
c'um teimoso esbogoar de pingas nuas.

II. DO CADERNO DE GIJON

7.- AMOR MARINHAO

Era umha glória a paisagem
e um agarimo a mareira
bris' que vinha da ribeira
cara à ponte da Passagem.

Meu o teu corpo -folhagem
que encerra umha alma certa-
era o berço da senlheira
saudade desta friagem.

E arrolaste de tal jeito
o meu sombriço aguilhom
que perdi o coração

polos curros do teu peito...
-Hoje o teu corpo fugéu:
onde irá o coração meu?

8.- OFERECIMENTO DE MORADA

Tenho-vos casa num terceiro andar
que nem imaginades como é:
de renda baixa, o mar vê-se desde ela
e a paz anda a sonhar em cada canto...

...porque os vizinhos som mui silenciosos
e jamais hai liortas entre eles.
O estilo da fachada é uniforme
de mais, bem sei, e as noites algo escuras

talvez, mas é igual: eu tenho de ir
morar qualquer tardinha nesse bairro
onde esperam por mim os familiares

esticados de velho trás da lousa
que di FAMILIA DE JOSÉ DEVESA:
teredes o cartom quando eu morrer.

9.- *He andado muchos caminos...* (Antonio Machado)

Muitas vereas levo andado, muitas
e muita i-alma nelas fum deixando
em troca dumha dor que nom sei quando
nem como lhes deu lume às minhas cuitas.

Se soubesses, parede que me escuitas,
quanto tenho sonhado... se sonhando
um pegureiro fosse a mais seu gando
levaria ganhado tantas luitas!

Às vezes, quando dormo, volto áqueles
sítios nos que morei, e atopo neles
umha doce ledice fugidia...

É como se um bocado fosse eu neno
e entom me abandonasse este veneno
que me envelhece o sangue noite e dia...

III. DO CADERNO DA CORUNHA

10.-

É noite de luar. Gatos furtivos.
Farolas esquineiras que alumeam
románicos vigiados por cruzeiros
em resonância de cidade antiga.

É a hora das fontes. O silêncio
somente racha p'ra escuitar as vozes
líquidas e rimadas que salmódiam
um canto a recuncar fora do tempo.

Trás os muros dormente multitude.
Na rua algumas dúzias de noiteiros.
Todos compôm um universo estranho:

Uns, peregrinos dos seus próprios sonhos,
outros, donos da noite vagabunda
na vila que é umha NAU ENFEITIÇADA.

11.-

Tal umha ilha ventureira e nua
surges, sonho do mar, clara gaivota,
estrela multicolor, pérola viva,
de Castelo a peirau, de praia a Torre.

E entras, doce invitada, polos olhos
p'ra instalar na minha alma a tua beleza
polo vieiro insólito do sol
cintilante no outono temporao.

Um instante cavilo que é bem triste
abandonar p'ra sempre o teu engado
manhá, sem te levar ao infindo além...

Mas aginha reparo na evidência:
assi como te eu vejo, minha vila,
comigo morrerás quando eu morrer.

12.- EM LEMBRANÇA DE MICHEL BLOCH

Eram as teclas rolas nas mans tuas,
rouxinois a jogarem na alvorada,
eram como que todo e como nada
pérolas a dançar as notas nuas.

Sévérac e Schumánn lenes e leves,
um Bach por Liszt em fuga brincadeira,
um Scriabín lizgairo e à sua beira
de Debussy a Ilha Leda... Breves

forom as evasons que nos deixaste
viver, breves e fondas e o prazer
que sentimos por ti, moço maduro:

Bénia a tua arte pura que entregaste
e sigas a entregar-nos teu mester
que é mester de prender lume no escuro.

13.- SONHO E PRESÁGIO

Meiodia perfeito: o mar á frente
um murcho caravel à minha beira
-a mosca a pousar nel, que ainda cheira-
nuvens brancas ao sol, maininhamente...

Gaivotas a voarem no céu quente
a acenar p'ra algum *jet*: é primavera
este outono (um de santos), nova jeira
p'ra inquieta bris' que vai cara ao poente.

Nove andares em baixo ouço o zoar
duns motores com contraponto en riba,
como um canto de berço bem senlheiro

a adormentá-lo a um no seu sonhar
cumha terra que torna a estare viva
procurando o seu cerne verdadeiro.

14.-

Corpo que jazes só baixo da saba
fonte de vida aí sobre o lençol
deitado e manso ti centro do mundo
do teu próprio universo corpo ledó.

Corpo triste por vezes como agora
baixo da saba só corpo singelo
derramado e ingel grande e cativo
-e quando digo corpo digo alma

tamém e digo gente e digo povo-
pobre corpo sem limite aí preso
com cadeia invisível no teu leito.

Corpo que jazes só fonte de vida
aguardando talvez por aquel corpo
que descubra contigo outro manhã.

15.-

E entom retorna a besta -quase humana...
cabisbaixo, moroso, preguiçoso
à rotina, à paciência, ao tascareo,
a ver passar os dias amodinho,

vé-los passar sem el passar por eles
hoje e manhã e o dia de depois
igual do que o de antonte e hai um ano...
Retorna a pobre besta ao seu trabalho

à tarefa habitual, sem fundo, só
umha aparência de algo -nom é nada-
um absurdo devir sem fim nengum

aguardando ou guardando -que é o que aguarda?
-Nom aguarda mas guarda: a esperança
nom nasce onde nom hai desesperança.

16.- RÊVERIE (RECREIAÇÃO DE BERILDE)

Por seres ti formosa e toques ao piano
cousas maravilhosas, delícias de hai cem anos,
e vires desde o Prata, esse rio lonjano,
arroupada num nome qual de deusa de antano.

Imagino-te à sombra das árvores com ninhos,
arrolada na brisa do natal Bergantinhos
a escutar dum paxaro os laios solerminhos
mentres debala a tarde dum verao campesinho.

Berilde, poesia que jaz baixo da terra,
murmúrio misterioso que hei decifrar um dia,
rachando, ó fantasia, o que o teu nome encerra:

Por criarem beleza esses teus dedos mornos
é que che fai uns versos -tal pantrigo no forno-
um platense que toca nas tuas melodias.

Amigo que nos abres a tua casa
 ontem, hoje e amanhã a mesa e mantel,
 jogando o anfitriónico papel
 orgulho, bem o sei, da tua raça.

**Mira-nos onda ti, privilegiados,
vivendo e convivendo em alegria
inesquecíveis horas de lazer**

18.- RESGATE DOS ANTEPASSADOS (PSEUDODUPLA)

metim-nos num sistema como a jóias
desenterrei-nos dos seus livros-cofres
a algum mesmo encontrei-lhe arte, ofício
quase o corporicei, fixem-no home

e mais as suas vozes, os seus gestos
 as suas falas e as suas ideias

os sonhos seus, os seus ires e vires?
Estavam mortos, eu... ressuscitei-nos?
Apenas lhes dei vida aparential...

18b.-

O seu alento fica emudecido
no além desconhecido. Apenas fixem
um resgate do mais convencional
que um home tem: as datas, os seus nomes...

Cadáveres que som a minha origem
antergos seres a cruzar a vida
sem suspeitar, na sua escuridade,
quase sempre plebeia, que um seu gromo

seródio ia fazer-lhes o que eu fixem:
resgatá-los em nome, un nome apenas
recuperar a sua vida escura

quase sempre mas sempre apaixonante
co'as arestas e os ocos, luz e sombras
eternamente inéditas, já terra.

19.-

Este recolhimento de tarde de domingo
gris, fria, seca e quase oca -de tam alheia-
eriçada de antenas e de janelas mortas
aguardando a sua eléctrica ressurreiçom nocturna.

Este recolhimento como de camposanto
c'um âmbito lonjano de páxaros cantores
que aos poucos vam cesando no concerto gratuito
e espontâneo -agasalho que o home nom meresce.

Este recolhimento propício à autoanálise,
à evocaçom, à calma -fugidiça qual gato-
o deleitoso achádego da alma -que se leva

quase sempre de incógnito e mesmo assovalhada
pola vertige' absurda que é pam de cada dia...
Este recolhimento tem-vos algo de edém.

20.- DE ESCARNHO E MALDIZER (1589-1983)

Adaile de estilos obsoletos:
necesito cantar-che claro e duro
tal é o que esborralhaste, atila escuro,
inda que ti te vejas alto e neto.

Para que perder tempo c'um soneto
ante xordos ouvidos imaturos?
Como és todo ouropel, social-impuro,
ó frívolo palhaço, alcaide-objecto!

Vertolám de culturas provincianas
antípoda do home democrata
servo do amo alheio que assovalha

quando tentas matar as galicianas
essências desta vila de alma acrata:
serás manhã refugo da morralha!

21.- A CARMINHA COUCEIRO E PEPE.

*Avoir une maison commode, propre et belle,
um jardin tapissé d'espaliers odorans...*
(Ch. Plantin)

A música das árvores (qual música de mar)...
Para o *Sol* e a *Lua* o prado umha agra aberta...
O carvalho mais forte do que o raio... Umha aperta
o pinheiro bem rijo (tal um céltico altar)...

Hórreo e carro mordidos por décadas de ar,
de auga e sol (amigos nessa fortuna incerta
do labrego, acotio arelante e alerta
para o céu), tam junguidos ao humano laborar...

A velha casa morta vivendo no formoso
lar de Carminha e Pepe, renovados amigos
no serán garimoso da Terra de Messia...

Nesse Albixoi de nome tam belo e misterioso
nado nos lábios sábios dos galegos antigos:
Velaí o alicerce da mais certa alegria!